

significa que sejam apolíticos. Comenta que o apoio juvenil à democracia advém sobretudo daqueles que apresentam o seguinte perfil: homens ou mulheres que trabalham, mais velhos, com maior grau de escolaridade, maior renda familiar, moradores de lugares mais urbanizados e com ocupações mais qualificadas. O autor chega à conclusão de que os jovens brasileiros, tanto quanto os jovens europeus, têm alta participação política.

Finalmente, o último capítulo, “Maiorias adaptadas, minorias progressistas”, desenvolvido pelo sociólogo Gustavo Venturi e pela analista de pesquisa Vilma Bokany, prossegue o tema anterior. Os autores criticam acidamente os veículos impressos de comunicação que, com base na pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, rotularam os jovens de conservadores e despolitizados de forma equivocada e tendenciosa. De seu ponto de vista, se analisada com profundidade, a pesquisa revela que a juventude brasileira atual é mais participativa e mais progressista do que as de outrora.

Como se pôde perceber aqui, *Retratos da juventude brasileira* efetivamente delinea, em suas diversas facetas, alguns retratos extremamente instigantes do que é ser jovem no Brasil contemporâneo.

Elsa Ramos, Rester enfant, devenir adulte: la cohabitation des étudiants chez leurs parents. Paris, L'Harmattan, 2002 (col. Logiques Sociales), 264 pp.

Melissa Mattos Pimenta
Doutoranda em Sociologia pela FFLCH – USP

Rester enfant, devenir adulte debruça-se sobre um dos fenômenos que mais têm inquietado pesquisadores na área de juventude: a permanência, cada vez mais prolongada, de jovens adultos na casa dos pais. Esse fenômeno vem sendo observado desde meados da década de 1980, quando Jean-Claude Chamboredon identificou uma “nova idade da vida”, que bati-

zou de “pós-adolescência”¹. As razões apontadas para esse fenômeno são bastante conhecidas: por um lado, a generalização do acesso à educação e a progressiva extensão da escolaridade obrigatória têm levado cada vez mais jovens a prolongar seus estudos; por outro lado, as crescentes dificuldades de inserção efetiva no mercado de trabalho têm levado as novas gerações a experimentar períodos cada vez mais longos de instabilidade laboral, marcados por contratos temporários, condições de trabalho insatisfatórias ou rendimentos insuficientes para a concretização de projetos pessoais, muitas vezes alternados com períodos de desemprego e procura por vagas. A combinação desses dois fatores tem levado à extensão do período entre a conclusão dos estudos e o início da vida ativa, fazendo com que muitos jovens posterguem os planos de abandonar o lar familiar, casar e ter filhos. Esse intervalo maior entre o término da preparação profissional e a formação de uma família, caracterizado tanto como um “adiamento” da vida adulta, quanto um “prolongamento” da situação de juventude, tem sido preenchido por práticas e estilos de vida alternativos ao modelo familiar tradicional, como viver sozinho ou em coabitação e ter filhos fora do casamento. Essas tendências têm ocupado pesquisadores em diversas áreas do conhecimento e produzido inúmeras publicações sobre o tema.

Contudo, a justificativa para a permanência prolongada na casa dos pais pelo viés da falta de trabalho não é suficiente: como explicar a decisão de permanecer em casa por parte de jovens que trabalham, têm rendimentos próprios e são independentes financeiramente? Vários fatores têm sido apontados como causa desse fenômeno, entre eles o entendimento de que a “pós-adolescência” seria um período de “experimentação” e de “desfrute” da juventude, antes da assunção das responsabilidades tradicionalmente atribuídas ao indivíduo adulto.

Mas a permanência prolongada na residência da família de origem também é atribuída a outros fatores estruturais, entre eles os crescentes custos da habita-

ção que, em diversos países, têm dificultado o acesso dos jovens à casa própria. Contudo, um dos aspectos mais importantes são as mudanças significativas nas relações entre pais e filhos, que estabelecem novos padrões de convivência, permitindo maior autonomia aos jovens no âmbito das relações familiares.

A obra aqui tratada ocupa-se justamente das novas dinâmicas de relacionamento entre as gerações no interior do espaço doméstico. Elsa Ramos, socióloga de origem portuguesa radicada na França, é doutora em Sociologia pela Universidade de Paris V e membro do Centre de Recherches sur les Liens Sociaux (Cerlis), dirigido por François Singly. *Rester enfant, devenir adulte* é fruto do trabalho desenvolvido por ela, no âmbito do tema “Família e Identidades”, uma das quatro linhas de pesquisa do Centro, voltada para o estudo dos hábitos, da individualização, das formas de vida em comum, da reformulação dos laços entre os indivíduos na esfera privada e da construção das identidades. O trabalho da pesquisadora, que em 2001 obteve o primeiro prêmio no concurso anual do Observatório da Vida Estudantil, enfoca a construção do “espaço próprio” entre os estudantes que coabitam com os pais. No decorrer de seu texto, a autora procura mostrar de que maneiras a apropriação de um espaço particular no interior da esfera doméstica privada participa da constituição da própria identidade dos jovens estudantes.

O fenômeno do “prolongamento” da juventude evidencia as ambigüidades do processo de tornar-se adulto na contemporaneidade. Se, antes, a maturidade era atribuída ao completar uma seqüência de etapas que tradicionalmente marcavam a transição entre uma e outra fase da vida, hoje tornar-se adulto é percorrer um caminho cada vez mais sinuoso, com muitas mudanças de orientação, atalhos, alternativas que assinalam múltiplas direções e obstáculos que levam a desvios, paradas e mesmo ao retorno sobre os próprios passos. Nesse sentido, a definição do que significa ser adulto não se limita a determinantes objetivos, tais como a independência de residência ou financeira,

mas envolve, necessariamente, a construção de si mesmo como pessoa autônoma e responsável.

A dificuldade em reconhecer a passagem de estatuto nos processos de transição contemporâneos está no fato de que durante muito tempo a idade adulta foi fundamentada em critérios objetivos de independência e autonomia que tendem a ser muito restritivos quando tomados como a única definição. É precisamente porque há muitas formas de ser adulto que o conceito precisa ser relativizado. Segundo Ramos: “A autonomia remete à idéia de que o indivíduo determina a si mesmo as próprias regras, enquanto a independência é um estado no qual o indivíduo se encontra desde que disponha de recursos (nomeadamente econômicos) suficientes para estar livre para atar laços com quem quiser. A autonomia é considerada uma percepção positiva de si à qual o indivíduo tende e difere da independência na medida em que esta aparece como emancipação da casa dos pais. A autonomia refere-se a categorias subjetivas, enquanto a independência se refere a categorias objetivas. Os marcos da independência são os mesmos utilizados para falar da passagem à idade adulta, principalmente a independência residencial e econômica” (p. 18).

Ao optar por pesquisar o caso dos estudantes que vivem com a família de origem, que não são independentes, a autora deparou-se com estratégias particulares de afirmação da autonomia, que passam pela negociação e pelo estabelecimento dos limites do “espaço próprio”, tanto no âmbito do espaço físico como das relações entre pais e filhos. A pesquisadora apresenta, assim, uma nova definição de autonomia: a capacidade do indivíduo de julgar a si próprio e de reajustar seus métodos em função dos seus objetivos, baseada na capacidade reflexiva, que confere ao indivíduo poder sobre si mesmo.

Essa concepção de autonomia é um traço fundamental do individualismo característico das sociedades modernas. No caso dos jovens estudantes, o que lhes confere o sentido de autonomia é a capacidade de definir seus próprios projetos, de reconhecer-se a

si mesmos e, sobretudo, de fazer com que sejam aceitos e legitimados pelos pais.

A construção da identidade do jovem adulto que mora com a família dá-se por essa via. A autora observa que a constituição do ser adulto sobrepõe-se à constituição de si; todavia, não há um único modelo para esse processo e é preciso, portanto, ouvir e atribuir sentido às diferentes maneiras segundo as quais os indivíduos elaboram a construção de sua auto-identidade.

A pesquisa realizada por Elsa Ramos é centrada na perspectiva da coabitação entre pais e filhos. Essa perspectiva desdobra-se em três dimensões fundamentais: a dimensão espacial, que observa a ação dos ocupantes sobre o espaço físico da casa; a dimensão temporal, que analisa as variações no espaço entre coabitantes no decorrer do tempo, em função da presença e da ausência dos membros da família nos diferentes horários do dia e épocas do ano; e a dimensão relacional, que estuda o gerenciamento do espaço doméstico (as delimitações, as regras, a partilha, as reivindicações), ou seja, a negociação cotidiana entre indivíduos que vivem conjuntamente. Essa transação não se limita ao interior do âmbito doméstico, mas se estende a outros domínios da construção de si, como os estudos, as saídas, as relações amorosas e de amizade.

Partindo da hipótese de que o espaço é um indicador significativo do processo de construção das identidades, Ramos desenvolveu um trabalho inovador, na medida em que, na sua abordagem metodológica, integra a observação e a interpelação do espaço apropriado pelos jovens sujeitos. Nesse sentido, não basta recolher os discursos e as representações sobre como os estudantes negociam seu “espaço próprio” no cotidiano das relações familiares, mas observar, por meio da visita à casa dos jovens entrevistados ou de sua reconstituição pictográfica, como esse espaço é apropriado, ocupado e organizado por eles. A escolha do quarto como um dos objetos privilegiados de análise das relações familiares entre pais e filhos justifica-se na medida em que constitui o local mais privado do

jovem estudante na casa. Segundo a autora, o sentido que o jovem adulto atribui aos seus objetos “é revelador das relações que estabelece consigo mesmo e com aqueles que o rodeiam” (p. 25). Desse modo, para o pesquisador, observar o quarto e os objetos que o compõem é um meio de compreender as relações, os laços e as identidades que o indivíduo constrói durante sua biografia.

A família atua na outra ponta das relações cotidianas e exerce um papel fundamental no processo de construção identitária de cada um dos seus membros, ao mesmo tempo em que ampara e integra, estabelecendo relações de dependência material e afetiva, deveres e obrigações.

A questão central exposta pela obra diz respeito a como o jovem pode sentir-se adulto ou autônomo no âmbito da coabitação intergeracional. Ao interrogar-se de que maneiras a concepção de “espaço próprio” é elaborada, em oposição ao “espaço dos pais”, a autora busca investigar a evolução das relações intrafamiliares por meio das quais os jovens vão construindo sua autonomia e sua identidade adulta.

Para isso, optou por uma abordagem sociológica compreensiva, que tem como base entrevistas individuais. Trata-se de perceber como um jovem adulto passa a reivindicar o direito de ter seu próprio espaço no interior do domicílio familiar e o direito de ter seus próprios princípios de organização do quarto, desde a arrumação dos objetos à regulação de quem entra e dos horários reservados para diferentes atividades. A autora observa que as reivindicações dos jovens adultos não são conquistadas sem conflitos, uma vez que existem tensões entre as aspirações de autonomia e as obrigações impostas pela vida em comum. É interessante que o gerenciamento dos conflitos implica estratégias de separação e distinção dos domínios particulares e comuns, que se impõem perante as diferentes necessidades de privacidade.

As entrevistas foram realizadas com cinquenta estudantes entre 19 e 27 anos, em sua maioria de classe média, em Paris e região. Num primeiro momento, o

objetivo foi recolher os discursos dos sujeitos sobre a partilha cotidiana do espaço familiar em seu sentido mais amplo, levantando informações sobre o espaço, o uso do tempo e as diversas relações entre os jovens adultos e seus pais, irmãos, amigos(as) e namorados(as). Num segundo momento, tratou-se de apreender o modo como os jovens vivenciam seu “espaço próprio, na casa dos pais”, entre dependências objetivas e aspirações de independência e autonomia. As entrevistas foram realizadas na casa dos informantes, o que permitiu à pesquisadora visitar e observar o espaço doméstico e os diversos elementos que compõem o quarto dos estudantes. Nos casos em que isso não foi possível, os participantes foram solicitados a desenhar uma planta da habitação.

A obra é dividida em duas partes. A primeira trata especificamente do domínio privado dos jovens adultos coabitantes: o quarto. Nessa seção, Ramos analisa até que ponto o “espaço próprio” dentro da casa dos pais é um espaço pessoal. O primeiro capítulo trata de uma de suas funções: a separação em relação à convivência cotidiana com os demais membros da família. Aqui são explorados os sentidos e as motivações para sua efetivação, as estratégias de delimitação do privado por parte dos jovens e os pontos de conflito entre pais e filhos.

O segundo capítulo trata da função do quarto como experimentação e criação de si, por meio da ação dos ocupantes sobre o espaço físico. A autora observa como, por intermédio de sua relação com os objetos, a identidade é construída. Trata-se de um duplo esforço de análise: por um lado, o sentido que as inscrições materiais têm para o observador que está fora do âmbito íntimo; por outro lado, o sentido que os sujeitos atribuem às suas próprias ações. É precisamente nessa parte que se encontra a originalidade do trabalho de Elsa Ramos: a sobreposição de duas leituras simultâneas sobre o mesmo campo de interlocução simbólico e material. Os objetos pessoais, os móveis que fazem parte desse espaço e sua disposição são dotados de sentidos que refletem uma iden-

tidade expressada nos gostos pessoais, naquilo que é mostrado ou apenas sugerido. O quarto, entretanto, não é imutável no tempo: possui também uma história própria, que integra a memória familiar e pessoal, parte importante do processo de constituição da identidade. As relações familiares revelam-se na transformação do espaço, na descrição de como era antes e nos projetos de modificações para o futuro: “O desejo de uma re-apropriação do espaço do quarto, de uma re-atualização, segue-se à tomada de consciência de uma evolução pessoal. A transformação permite distinguir dois períodos da vida do jovem adulto. Transformar o quarto é também um meio de se distanciar em relação aos pais” (p. 112).

A segunda parte trata das três dimensões da construção do “espaço próprio”: a delimitação daquilo que pertence ao jovem estudante, daquilo que é pertinente aos pais e daquilo que diz respeito ao coletivo familiar. Nessa seção são analisadas as relações de negociação das regras de convivência entre pais e filhos. No capítulo três, a autora identifica o ordenamento do espaço (os objetos, o lugar de cada um, o que se pode fazer em cada um dos cômodos) e do tempo (os horários, as frequências, a duração das atividades) fixado pelos pais. As relações familiares são observadas dentro da perspectiva de negociação dessas regras: por um lado, de que maneiras elas são estabelecidas e sua obediência é cobrada; por outro lado, as estratégias empregadas pelos jovens no sentido de subverter ou alterar a ordem e ampliar sua autonomia.

O quarto capítulo trata da construção do mundo pessoal no interior da esfera doméstica. Aqui a autora retoma a função de separação do quarto como local privilegiado do privado, porém estende a análise além dos limites físicos da habitação, para as relações que os jovens adultos mantêm fora da casa, nomeadamente as relações amorosas, as relações de amizade e as saídas, encontros e atividades de lazer. Esse universo de relações pessoais na maior parte das vezes não se deseja partilhar com os pais; desse modo, os jovens adultos desenvolvem estratégias para proteger esse mundo es-

sencialmente privado das interferências familiares. Nesse capítulo, Ramos explora as motivações por trás da interdição do privado, especialmente no âmbito das relações amorosas, que envolvem os tabus sobre a sexualidade, os conflitos na convivência com namodos(as) e amigos(as), o uso do telefone, os horários de voltar para casa à noite, entre outros aspectos. O texto é um interessante mergulho nos aspectos mais íntimos das relações entre pais e filhos, explorando os conflitos entre os modos de pensar dos jovens e das gerações mais velhas, os medos, os embaraços, as justificativas para a necessidade de omitir e esconder determinados comportamentos.

Finalmente, o último capítulo analisa o espaço das relações comuns entre os familiares, em que os jovens adultos se sentem como “iguais” perante os pais. Esse espaço é constituído por meio da participação pessoal na construção da coesão familiar. É no desenrolar das atividades em grupo, como assistir à televisão ou à hora das refeições, que a identidade familiar é afirmada. O sentimento despertado pelos hábitos familiares é o de “nossa” casa, “nossa” família. A principal característica dessa dimensão das relações entre pais e filhos é a convivência, os momentos de agregação dos diferentes participantes, em que o grupo se afirma como unidade, e a pertença ao “nós” é validada entre os próprios membros. Segundo a autora, esse aspecto é extremamente importante para a constituição da identidade autônoma do indivíduo jovem, uma vez que é no decorrer da convivência que as transformações das regras são negociadas, o que permite aos jovens, tanto quanto aos pais, acomodar as mudanças inerentes ao amadurecimento e às necessidades de adaptação do grupo familiar.

Por meio do estudo aprofundado das relações familiares, Elsa Ramos apresenta indícios importantes para a compreensão dos fatores que possibilitam a convivência prolongada de pais e filhos no mesmo espaço doméstico. Num contexto em que há maior liberdade para experimentar diferentes relações afetivas e o exercício da sexualidade *antes* do matrimônio e

da conquista de uma residência própria, *Rester enfant, devenir adulte* provoca muitas reflexões sobre o papel da família na mediação entre o imperativo da privacidade e as necessidades do indivíduo no processo de construção da autonomia.

Notas

1. Ver Jean-Claude Chamboredon, “Adolescence et post-adolescence: la ‘juvénisation’”, em *Adolescence terminée, adolescence interminable*, organizado por Anne Marie Alléon *et al.* (PUF, Paris, 1985).